

Louvação a Machado e Eça: amor e ardor da língua*

Vinícius Lopes Passos . .

RESUMO

O texto apresenta pequeno paralelo entre Eça de Queiroz e Machado de Assis, discutindo seus trabalhos em termos de lugar literário e contestando dois estudos críticos recentes. Traz, ainda, breve análise de dois contos: *Missa do galo*, de Machado de Assis, e *José Matias*, de Eça de Queiroz.

Palavras-chave: Machado de Assis; Eça de Queiroz; Crítica; Contos; Comparatismo.

Lutar com palavras
é luta mais vã.
Entanto lutamos
Mal rompe a manhã.
(Carlos Drummond de Andrade)



Com alegria hoje estou aqui, nesta cidade ainda por conhecer, para participar da abertura deste Ciclo Cultural, com a séria, mas prazerosa incumbência de falar sobre alguma relação entre as literaturas de Brasil e Portugal. Alguma relação sugeriria vagueza ou indecisão do orador, a que cabe dizer que são tantas relações e de todo

-
- Palestra proferida na abertura do Ciclo Cultural Serro-Portugal, em 23/5/2005, na cidade do Serro, Minas Gerais.
 - Doutorando em Literatura de Língua Portuguesa na PUC Minas.

colorido, que temo não me desincumbir bem a tarefa. O tema escolhido, dos mais celebrados, tem produzido inúmeras investidas de críticos e historiadores, que pouco resta a dizer, ou melhor, qualquer acréscimo corre o risco de ser repetição anódina a provocar aborrecimento e enfado. Ademais será prudente a advertência de que, não sendo machadiano nem queirosiano em *strictu sensu*, a leitura a vir terá o sabor do dileitante, não menos responsável decerto, com a vantagem de receber críticas então mais complacentes.

A História de Portugal e do Brasil tem estabelecido este longo e profícuo diálogo de culturas que, permeadas por um imaginário recíproco constantemente renovado e renovável, faculta belas páginas à tradição literária e intensos debates de escritores e outros homens de cultura. Entretanto, não faz mal lembrar a afirmação de Octavio Paz (1996) de que "antes de ter existência histórica própria, começamos por ser uma idéia européia" (p. 131). Fomos então, antes de sermos real e efetivamente, invenção do Velho Mundo. Isso parece irrefutável, no entanto discordo do crítico mexicano ao dizer nesse mesmo texto que "regressar não é descobrir" (p. 130). Meu desejo é o de regressar e, para isso, ocorrências do passado literário necessitam ser resgatadas, a fim de desvelar o caso de amor pelo idioma que tem sido o de Machado e Eça. Amor, por vezes, alimentado e impulsionado pelas Fúrias.

Eça e Machado foram quase contemporâneos. O primeiro nasce em Póvoa de Varzim, em 1845. Filho de pai brasileiro, o Dr. José Maria Teixeira de Queiroz e mãe portuguesa, Carolina Pereira d'Eça, é criado por Ana Leal de Barros, brasileira, antes de morar com os avós paternos em Verdemilho. O segundo nasce no Morro do Livramento, Rio de Janeiro, seis anos antes, em 1839. Filiação simétrica, Francisco José de Assis, pai de Machado, era brasileiro, e a mãe, Maria Leopoldina Machado, portuguesa da Ilha de São Miguel. Tal notação biográfica de somenos importância irmana-os desde as origens. Contudo, posicionamentos estéticos e políticos, inevitáveis na e da formação intelectual e moral desses escritores, precipitaram rugas a que eles procuraram contemporizar, muito embora alguns críticos, inclusive próximos

de nosso tempo, conservem sobre os fatos (que passarei a destacar) perspectivas equívocas e preconceituosas, a alongar querelas distantes.

É verdade que Eça de Queiroz, ao participar das famosas Conferências do Casino Lisboense em 1871, sobretudo ao lado de Antero de Quental, mostrava precocemente seu talento e força de insurreição contra o estatuto arcaico da literatura portuguesa contemporânea a ele. Nessas conferências, fez-se o diagnóstico histórico, artístico e cultural daquele Portugal, com a recusa da instituição literária agônica do romantismo, ainda atravessado pelo classicismo da Ilustração, acrescidas considerações gerais sobre o atraso da sociedade portuguesa se comparada ao restante da Europa. O movimento literário nascente, cujos partícipes ficariam conhecidos como Geração de 1870, propugnava o realismo como novo modo de representação, em que a linguagem direta e crua desse tratamento mais aceite das incoerências da realidade social.

Antecipando o que viria a ser sua obra, em termos do olhar aguçado, do verbo satírico e da cáustica ironia, a atitude revolucionária do jovem Eça se traduziu em outro lugar, na publicação do texto "O Brasileiro" (CAVALCANTI, 1983), em fevereiro de 1872, no periódico *As Farpas*,¹ criado com Ramalho Ortígão. Eça traça um perfil absolutamente degradante e insidioso às gentes brasileiras, causando com isso, a exemplo de Pernambuco, fortes reações anti-lusitanas. Em 1890, Eça de Queiroz mitigará o conteúdo do texto e o republicará, o que se interpreta como espécie de retratação, propiciada pela maturidade intelectual e política, além de, em sentido pessoal, ser demonstração de respeito pelos amigos brasileiros com os quais privava de intimidade e afeto.²

Essa mordacidade juvenil contra os brasileiros foi analisada por Wilson Martins como a motivação de base, talvez inconsciente, que levou Machado de Assis a publicar em *O Cruzeiro*, em 16 e 30 de abril

¹ Periódico publicado entre 1871-1872, com o subtítulo de *Crônica Mensal da Política, das Letras e dos Costumes*.

² Cf. QUEIROZ, Apêndice a *As Farpas*, p. 909-915.

de 1878, o artigo "Eça de Queirós: O primo Basílio" (ASSIS, 1973) em que o escritor fluminense realiza severas críticas à composição do livro, à falta de textura moral de Luísa e à filiação de Eça à escola francesa do realismo/naturalismo. Indaga Martins (1973): "(...)se não encontra nesse episódio a semente longínqua da desconfiança hostil com que, para além de rodas as diferenças de credo artístico, Machado de Assis sempre encarou o grande romancista português" (1973, p. 497-498).

Embora justa a indagação do historiador e crítico, certo é que a intervenção de Machado a O primo Basílio tem provocado celeuma imensa e munição aos detratores e defensores de um e outro romancista, engrossando a fortuna crítica de ambos.

Todavia, a essa concorrida polêmica, gostaria apenas de fazer dois pequenos apartes a dois textos recentes, antes de mudar o percurso desta apresentação.

Fundamentada nas noções de antecessor/predecessor literário de T. S. Eliot e Angústia da influência de Harold Bloom, com ênfase no último, em que Bloom concebe "a história literária como compreendendo sucessivas gerações de poetas subjugados por um complexo de Édipo que os mantém acorrentados a uma ansiedade derivada da sombra projectada pelo poeta que o precedeu, como o filho edipiano é dominado pelo pai" (p. 151), com bastante mérito, Maria Manuel Lisboa reivindica para Eça de Queiroz o lugar de pai literário de Machado de Assis, considerando a crítica em O Cruzeiro calcada em inveja e ciúme, numa arremetida violenta contra o pai. Como se sabe, os dois primeiros livros do romancista português, O crime do padre Amaro (1874-1875) e O primo Basílio (1878) antecedem aquela que seria o marco da virada da obra machadiana, as Memórias póstumas de Brás Cubas (1880) e o polêmico Dom Casmurro (1899), publicado um ano antes da morte de Eça.

Se o argumento usado pela autora de que quem diz primeiro ganha a primazia do lugar do pai, também vale considerar que laivos da ironia machadiana, como a crítica ao romantismo e antecipações de posições estéticas do Machado adulto estavam presentes, ainda que de for-

ma incipiente, em *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874) e *Helena* (1876). Barreto Filho (1947) pondera, considerando que ali, nos primeiros romances, o escritor já se esforçava pela agudeza psicológica e detalhe revelador, que seriam dois dos traços fundamentais de sua coloração propriamente realista. Assim não considero adequado colocar o diálogo entre Eça e Machado nestes termos, pois os dois escritores estavam se formando, e os "pais literários" de ambos viriam dos antecessores portugueses, bem como da França e Inglaterra, devida à conhecida hegemonia cultural destes países, no século XIX, tanto aqui quanto em Portugal e na Europa.

Neste sentido, aproveito a oportunidade para contestar também o proficiente artigo de João Camilo dos Santos (2001), no qual Machado é rotulado de conservador em relação a Eça, justificando tal eleição pelo atraso cultural da ex-colônia. Deste ponto de vista, se o autor está certo, não menos certo estaria se dissesse que o Portugal metropolitano era igualmente conservador, pois foi contra o conservadorismo português que Eça se levantou. Para os conferencistas do *Casino Lisboense* (1871), Portugal padecia de atraso político e cultural frente a outros países europeus. Ademais, a afirmação de Santos desconsidera e menoscaba a ironia machadiana como dispositivo o qual Machado usou, conscientemente, tanto para mostrar e criticar as contradições do Brasil quanto para denunciar, à revelia de sua vontade, as mesmas contradições de que sua obra era produto, e deixava escapar.

Se o Machado ficcionista foi influenciado por Eça, como quer Maria Manuel Lisboa, Machado se antecipou ao escritor português como crítico do realismo/naturalismo, pois a extensão dos comentários comprova o fato de que, ao final, Eça mudará de rumos e mostrará as incongruências da corrente estética que lhe serviu de modelo. Eça de Queiroz, em carta enviada da Inglaterra a Machado, apesar de não concordar com opiniões deste, reconhece a qualidade dos argumentos e a acuidade do brasileiro. Em nota à segunda edição de *O crime do padre Amaro* (1880), porém, Eça se vingará, indiretamente, em linhas de extremada dureza que Machado não esquecerá. Todavia, a carta-

prefácio a *O mandarim*³ (1884) esclarece que o rigor científico do realismo/naturalismo francês aborrecia o escritor português, que prezava a valorização da linguagem, correção do estilo e precisão plástica da frase.

Do lado brasileiro, quando da morte de Eça de Queiroz, Machado (1973) escreve a Henrique Chaves, seu amigo português radicado no Brasil, o seguinte apontamento:

Que hei de dizer que valha esta calamidade? Para os romancistas é como se perdêssemos o melhor da família, o mais esbelto e o mais valido. E tal família não se compõe só dos que entraram com ele na vida do espírito, mas também das relíquias da outra geração, e, finalmente, da flor da nova. Tal que começou pela estranheza acabou pela admiração. Os mesmos que ele haverá ferido, quando exercia a crítica direta e cotidiana, perdoaram-lhe o mal da dor pelo mel da língua, pelas novas graças que lhe deu, pelas tradições velhas que conservou, e mais a força que as uniu umas e outras, corno só as une a grande arte. A arte existia, a língua existia, nem podíamos os dois povos, sem elas, guardar o patrimônio de Vieira e Camões; mas cada passo do século renova o anterior e a cada geração cabem os seus profetas.⁴ (p. 933)

Antes de tudo, percebe-se o respeito de Machado pelo Eça homem e artista, alçado à condição de profeta de sua geração, de renovador e sintetizador da língua de Camões, ao mesmo tempo em que lhe reconhece o crítico arguto, e mesmo cruel.

Ainda que não possa falar como exegeta da correspondência machadiana, suponho que Machado, ao mencionar a nova geração, talvez estivesse se referindo, deste lado do Atlântico, ao grupo de intelectuais brasileiros sob a influência da Geração de 1870, daqueles intelectuais portugueses ao redor de Antero de Quental (o próprio Eça, Batalha Reis, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins etc.).

³ Escrita em francês, essa carta-prefácio foi dirigida ao "Sr. Redator da Revista Universal", datada de 2 de outubro de 1884 (Cf. QUEIROZ, 1997. p. 835-837).

⁴ [Eça de Queirós). Carta a H. Chaves, Rio de Janeiro, 23 ago. 1900 (Cf. ASSIS, 1973. p. 933. v. III).

Conforme esclarece Paulo Franchetti (2000), José Veríssimo, na falta de melhor nome, chamou de "modernismo" o movimento de renovação, embora parcial, de idéias, compartilhadas por Eduardo Prado, Domício da Gama, Joaquim Nabuco, O barão do Rio Branco e Capistrano de Abreu. Quanto a isso, convém lembrar que, com exceção do último, esses homens compareciam à cena cultural do Brasil e do exterior e freqüentavam fraternalmente a casa de Eça em Lisboa e Paris, além da correspondência que mantiveram ao longo dos anos com o escritor. Olavo Bilac era outro dos amigos brasileiros de Eça, com quem manteve convívio afetuoso e doméstico. De todos, Eduardo Prado foi o mais querido, figurando também como correspondente de Fradique Mendes. A ele é endereçada a carta que encerra a Correspondência de Fradique Mendes (1900), na qual o alter ego de Eça expressa com sinceridade crítica e elegância suas opiniões sobre o Brasil.

Outras ainda seriam as relações de Eça com o Brasil, tendo colaborado entre 24/7/1880 a 20/9/1897, não sistematicamente, na Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro. E, a partir de 1897, tornou-se sócio-correspondente da casa fundada por Machado de Assis, a Academia Brasileira de Letras.

Luís Felipe Castro Mendes (2000)⁵ cunhou a expressão "intimidade superior" para designar a relação de Eça de Queiroz com o Brasil, perpassada, não sem ambigüidade, pelo sentimento de admiração e surpresa. Eça convivia com seus pares, homens refinados e críticos, da ordem da exceção, assim como ele mesmo foi, em Portugal, figura excepcional. O Brasil para Eça surgia sob duas óticas: *como* terra de mercenários incultos a violentar o idioma e da equívoca nobreza portuguesa que aqui se instalou;⁶ e outra, mais européia, país representado por artistas e intelectuais com quem dialogava, muitos destes igual-

⁵ Em conferência intitulada "Eça de Queirós, um sentimento impossível", na Academia Brasileira de Letras, em 22/8/2000, ocasião das comemorações do centenário de morte do escritor português.

⁶ Para Eça, D. Pedro II era o imperador da escravidão, algo absolutamente repudiado pelo escritor.

mente amigos de Machado. Isso tudo, sem considerar a recepção notória de sua obra, transformando-o talvez em um autor mais brasileiro que português, a exemplo do comentário de Clóvis Ramalhete, que Eça teria sido primeiro recebido aqui e, depois, em Portugal.

ii

Procedo agora, com a licença dos ouvintes, à tão alentada mudança de percurso, referida alguns instantes atrás, e que já tarda. Vou me permitir pontuar semelhanças e dessemelhanças entre Machado e Eça, para em seguida fazer breve leitura de dois contos (acatando sugestão do artigo de Santos [2001]), que, me parece, esclarecerá melhor seu amor pelo idioma. Machado e Eça, afinados eletivamente.

A reverência indica respeito, e este a consciência, que se forja da interioridade do fazer literário, da dedicação ao labor que se extrai do sentimento e observação do mundo, a fim de possibilitar a transfiguração artística. Machado de Assis e Eça de Queiroz conservaram acesa a flama intangível e incomensurável da arte: releram com gosto escritores das gerações anteriores. Camões, Vieira, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Bocage e tantos outros. Mantiveram e tornaram mais elaborada a língua que se desprendera do Lácio. Diga-se, forçoso dizer, eles foram, parafraseando Machado, homens de seu tempo e país (ASSIS, 1973), pois neles existia aquele sentimento íntimo, profundo, fecundo para a representação, fomentada pela utopia da perfeição, resultando na realização artística que indissociavelmente une vida e arte.

Todos os grandes escritores enaltecem as cidades onde viveram, cronistas que melhor as retrataram. Em Dickens, temos Londres; Kafka iluminou Praga, Joyce, Dublin; Baudelaire e Proust revelaram Paris. O Rio de Janeiro de Machado e a Lisboa de Eça ganharam brilho inusitado, porque lhes foram reveladas as próprias entranhas. O burburinho das ruas, as confrarias nos cafés, editores e livreiros, a dis-

cussão pública dos jornais, as contendas políticas oriundas do desejo de participação, deram a essas cidades movimento de acréscimo, tornou-as mais belas, mas não menos terríveis.

Cenários privilegiados, elas serviram à pena dos escritores como material radiográfico para mostrar a hipocrisia social da burguesia endinheirada e pouco ilustrada, o cinismo das relações de interesse, abanalidade dos saraus envernizados. Assim parecem *O primo Basílio* e *Os Maias*, *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Esaú e Jacó*. Acaso não são semelhantes, guardadas as diferentes conveniências da ação, o *Conselheiro Aires* e o *Conselheiro Acácio*, homens públicos, burocratas, fingida e verdadeiramente cultos? *Luísa* e *Virgília* não são, em sua fragilidade protocolar, mulheres dotadas de pouco senso da existência? *D. Felicidade* e *Prima Justina* não ocupariam, praticamente, o mesmo lugar social de solteironas ressentidas? *Leopoldina* e *Marcela* não lembrariam cortesãs de mesma cepa?

São personagens criadas por homens tão iguais e tão diversos ao mesmo tempo. Eça é, sem dúvida, mais cosmopolita que Machado. A atividade diplomática em Havana, Londres, Paris deu a Eça outro tipo de formação, para além da livresca. O cosmopolitismo de Machado é livresco. O brasileiro não teve a oportunidade das grandes viagens, permaneceu em *Cosme Velho*, arquitetando mundos. Se, em Machado, há a paixão da frase indireta e da floração filosófica, aguçando a profundidade psicológica pelo apego ao detalhe, em Eça encontra-se a paixão do panorama e da frase crua e direta. As tintas de Eça focam da exterioridade o essencial. Todavia, rotulá-las assim seria traí-las. As qualidades de Machado e Eça se esbatem; exímios estilistas não desprezaram o fato de a linguagem ser matéria a exigir constante burilamento, não o do decorativo e acessório, refiro-me ao essencial que dá a justa medida, a precisão de imagem e expressão. Se bem que, alusão a outro homem do século XIX, Wilde, mordaz crítico da sociedade vitoriana, cujo aforismo "dê-me o essencial, que abro mão do supérfluo", esconde profunda verdade. Acessório e essencial, aparência e essência, o fruto e a casca da famosa metáfora machadiana, são face e contra-face da mesma moeda.

Eça de Queiroz e Machado de Assis, em todo caso, conforme analisa João Camilo dos Santos (2001), abordaram os mesmos temas, por demais evidentes e a exigir reflexão:

o do amor e suas ilusões, enganos e desenganos, fidelidades e infidelidades; o da verdade e da mentira; o da ambição de grandeza, o da aspiração à plenitude; o da inevitável frustração humana na comédia trágica da existência. Ambos puseram em cena as condições em que esses sentimentos e valores se manifestam na vida das pessoas. O sentido do real, a realidade do real (ou a falta de sentido e a irrealidade das nossas concepções do real, se se preferir, é uma questão de perspectiva), foi isso que essencialmente os preocupou. (p. 100)

Tais preocupações dos dois escritores se reafirmam pelo uso da ironia, a grande ironia da existência, da qual nenhum ser humano escapa. As ironias queirosiana e machadiana demonstram o ceticismo com que observaram, de uma perspectiva interior, a natureza humana, repetidamente ameaçada pela fatalidade, o que explica a maneira como os dois escritores exploraram, convenientemente, esta névoa da ilusão.

Em *Missa do galo* (1979), de Machado e José Matias (1997), de Eça, vemos esta convergência da visão de mundo que leva ao vazio e à morte. Carlos Reis, um dos melhores, senão o melhor intérprete de Eça, enxerga nesta obra uma espécie de "estética do fim", analisada sob dois aspectos, o da finalidade da obra literária e da finitude enquanto questão filosófica. Esses dois contos, não somente o do Eça, apontam, diferentemente, em direção análoga: o fim, pois nada acontece, a não ser a própria materialidade da palavra literária, com sua beleza incontestável.

Em primeira pessoa, o narrador de *Missa do galo* aguarda a meia-noite para assistir a essa celebração na Corte, supondo vê-la diferente em relação à do interior, de onde provém. Enquanto espera, hospedado na casa do escrivão Meneses, entabula conversação com Conceição, mulher misteriosa, entediada, que suporta o adultério descarado do marido. O banal temário da conversa, no entanto, denuncia a patética ambiência romântica que se espraia, crivada pela descrição subje-

tiva e objetiva do narrador, ressaltando características físicas e psicológicas de sua interlocutora. No frescor de seus dezessete anos, embriagado daquela conversa sem fim, espera talvez outra missa, menos sagrada, pois o desejo, à moda sutil de Machado, perpassa toda a narrativa.

Os sinais salpicados aqui e ali criam a expectativa de que algo está por vir, algum acontecimento súbito, alguma realização amorosa... Porém nada acontece, a não ser o alongamento da conversa e do desejo. O desejo atirado ao vazio, à não-realização, se metaforiza a obscuridade da espera, da finalidade que não se cumpre e conduz à finitude, figurada na interrupção do diálogo, metaforiza também a atividade literária que salva o homem da alteridade radical da morte e o lança numa sobrevivência sempre provisória, a requerer a continuidade enganadora da vida. Tanto que, somente no final do conto, vem a revelação da memória que, veiculada pela escrita, alonga a existência. Nesse conto de Machado, a sensualidade contida de Conceição, ou a linguagem contida, "derrama na segura e na monotonia da sua obra um óleo morno, que a humaniza, e deve ser uma das chaves desse cofre de segredos" (p. 199), palavras de Lúcia Miguel Pereira (1992). É, entretanto, esse "nada" a que o conto se dirige que faz a permanência do literário. A conversa ia morrendo. Na rua, o silêncio era completo (ASSIS, 1979, p. 611).

Agora em José Matias, escrito também em primeira pessoa, o narrador se dirige a um amigo, ou ao próprio leitor, que compartilhará com ele a história do morto, José Marias, que encontrou a morte num amplexo definitivo. Nesse conto, o protagonista é "louro" e tem "boca indecisa", pequena caracterização física a apontar para o essencial, a saber, a psicologia da personagem: "Pois este José Matias foi um homem desconsolador para quem, como eu, na vida ama a evolução lógica e pretende que a espiga nasça coerentemente do grão" (QUEIROZ, 1997, p. 1.602).

O narrador considera José Marias a encarnação da incoerência e da impossibilidade, decerto a impossibilidade que coloca em questão a

existência de tal espécie de homem em fins do século XIX. José Matias é inverossímil, contraria toda lógica, nega a Filosofia como campo especulativo, ofício do narrador. Mas por quê? José Matias apaixona-se por Elisa, a Elisa Miranda da casa da Parreira, sua vizinha, esposa do Conselheiro Matos Miranda. Elisa personifica o ideal de mulher, divina, portanto inacessível. Essa mulher se torna, com a morte do marido, acessível, porém, Matias surpreende a todos com sua fuga para a cidade do Porto. Na seqüência, sabe-se que foi ele quem se recusou à vivência carnal do amor.

Elisa casa-se novamente e José Matias renova a atitude de devoção, espreitando-a. Agora, com marido mais jovem, se insinua a entrega da mulher a um viril e jovem homem. Aqui, neste conto, como em *Missa do galo*, a sensualidade e o erotismo são abordados tenuemente, com uma leveza esmagadora a revelar a fragilidade da personagem. À medida da intensificação desse amor espiritual, extemporâneo pela negação da corporeidade da amada, Elisa vai perdendo a condição de mulher "benigna" com a morte do segundo marido. Não se casa novamente, arranja um amante. Essa passagem da amada à posição de mulher desejan-te, da passividade para a atividade, leva José Matias à degradação física, num suicídio cruelmente lento. Em verdade, como adverte Marie-Hélène Piwnik, a "auto-destruição" é "a única solução para a inadaptação infantil que o condena à paixão platônica por uma Elisa (que significa em hebreu "deusa"), idealizada até chegar a ser a imagem da Virgem-Mãe, por conseguinte intocável, quando é evidente que a vida a tornou uma semi-mundana" (1997, p. 1.371).

Dessa maneira, à recusa em desfrutar o amor genital, José Matias, absolutamente incapaz de existir, segue em direção à morte, ao vazio irremediável. Resta-lhe pairar, na memória do narrador, como exemplo do absurdo, o mesmo absurdo de que a morte é também exemplo, na medida em que assombra o homem ao ser ela, de certo modo, impensável em sua condição de vazio. O conto termina com esta reflexão do narrador: "É que sempre a Matéria, mesmo sem o compreender, sem dele tirar a sua felicidade, [que] adorará o Espírito, e sempre

a si própria, através dos gozos que de si recebe, se tratará com brutalidade e desdém" (1997, p. 1.617).

Estes contos, de Machado de Assis e Eça de Queiroz, ricamente apanhados na descrição dos detalhes e penetrados de rara e complexa densidade psicológica, elucidam, mesmo como pequenos extratos da volumosa obra de um e outro, o recíproco sentimento de mundo destes autores, eivados de ceticismo diante da vanidade do existir. Todavia, eis que se irmanam, como foi dito no início, pois conheceram o privilégio da dádiva, colocado a serviço da louvação do idioma. Termino esta exposição, dando voz a Eça e Machado, numa recolha tímida, mas coerente com meu propósito inicial de regressar, a eles, os grandes, para enfim descobrir.

Que a mão do tempo e o hábito dos homens
Murchem a flor das ilusões da vida,
Musa consoladora,
É no teu seio amigo e sossegado
Que o poeta respira o suave sono.
(ASSIS, 1973, p. 19)

Sobre a nudez forte da verdade –
O manto diáfano da fantasia.
(QUEIROZ, 1997, p. 839)

ABSTRACT

This paper presents a parallel between Eça de Queiroz and Machado de Assis, comparing them in terms of their literary place, and contesting two recent critical studies of their works. It also presents a brief analysis of two short stories: Machado de Assis's *Missa do galo*, and Eça de Queiroz's *José Matias*.

Key words: Machado de Assis; Eça de Queiroz; Criticism; Short stories; Comparative Studies.

Referências

- ASSIS, Machado. *Obra completa*. 3. ed., Rio de Janeiro: Aguilar Editora, 1973. p. 903-913. v. III.
- ASSIS, Machado. *Instinto de nacionalidade*. *Obra completa*. 3 ed., Rio de Janeiro: Aguilar Editora, 1973. p. 801-804.
- ASSIS, Machado de. *Missa do galo (Páginas recolhidas)*. *Obra completa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Aguilar Editora, 1979. p. 605-611. v. li.
- CAVALCANTI, Paulo. *Eça de Queiroz, agitador no Brasil*. Recife: Guararapes, 1983.
- FILHO, Barreto. *Condensado de Introdução a Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir, 1947. In: *Obra completa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Aguilar Editora, 1979. v. I.
- FRANCHETTI, Paulo. *Relações Brasileiras de Eça*. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. p. 401-413. v. IV.
- LISBOA, Maria Manuel. *Machado e Eça ou a mão e a luva: Totem e não Tabu*. In: *Via Atlântica*, n. 2, jul. 1999, p.150-159, www.fflch.usp.br/dlc/pos-graduação.
- MARTINS, Wilson. *Historia da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix/USP, 1973. p. 497-498. v. III.
- MENDES, Luís Felipe Castro. *Eça de Queiroz, um sentimento impossível*. In: *CICLO CENTENÁRIO DE EÇA DE QUEIRÓS*. < <http://www.academia.org.br/2000/pales28.htm>. Conferência pronunciada em 22/08/2000. Acessado em 5/5/2005.
- PAZ, Octavio. *Literatura de fundação*. In: *Signos em rotação*. Tradução Sebastião Uchoa Leite. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1996. p. 126-127.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *As almas exteriores de Machado de Assis. A leitora e seus personagens*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1992. p. 198-201.
- QUEIROZ, Eça de. *José Macias (Contos)*. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 1.600-1.617. v. II. Originalmente publicada na *Revista Moderna*, em 25/6/1897.
- QUEIROZ, Eça de. *A Relíquia*. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 839. v. I.
- SANTOS, João Camilo dos. *Machado de Assis, crítico de Eça de Queirós: um malentendido sintomático*. Disponível em: < <http://www.ciberkiosk.pt/arquivo/ciberkiosk3/ensaios/machado.htm> >. Acessado em 5/5/2005. *Santa Barbara Portuguese Studies*, Volume V, 2001, p. 98-121. A special issue of selected articles and reviews from the electronic journal *Ciberkiosk*.